



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 17, v. 2

jan.2022-jun.2022

p. 117-140

Kit-gay: uma oficina, papéis coloridos e muita “ideologia de gênero”

(Kit-gay: a workshop, colored papers and lots of “gender ideology”)

(Kit-gay: un taller, papeles de colores y mucha “ideología de género”)

Felipe Aurélio Euzébio¹

Newan Acacio Oliveira de Souza²

Vagner Barreto Rodrigues³

Louise Prado Alfonso⁴

RESUMO: O evento ‘P.O.C. Projeto Outras Cores: três dias para falarmos de diversidade e educação’ foi realizado pelo Centro Acadêmico Florestan Fernandes, no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas (CAFF-UFPe), e pelo Projeto de Extensão ‘Mapeando a noite: o universo travesti’, vinculado ao projeto de pesquisa ‘Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas’ do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos do Departamento de Antropologia e Arqueologia (GEEUR-UFPEL), nos dias 14, 15 e 17 de maio de 2019, na UFPe. A oficina ‘Kit-gay: construindo saberes para discussão de gênero e sexualidade em contextos educacionais’, um segmento do evento, aconteceu em meio a um contexto político conturbado, em que a ‘ideologia de gênero’ é acionada para mobilizar ações políticas autoritárias. Neste sentido, este texto busca refletir sobre o diálogo entre os campos da Antropologia e da Educação a partir de uma breve contextualização sobre esse tal de kit-gay, utilizando metodologias que abordam o gênero, a educação, a performance, a ideologia e as narrativas.

PALAVRAS-CHAVE: Kit-gay. Gênero. Antropologia. Educação.

Abstract: The event ‘P.O.C. Projeto Outras Cores: Três Dias para Falarmos de Diversidade e Educação,’ conducted by the Centro Acadêmico Florestan Fernandes of the Social Sciences course at the Universidade Federal de Pelotas (CAFF-UFPEL) and the Extension Project ‘Mapeando a Noite: O Universo Travesti,’ under the research project ‘Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas’ from the Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos of the Department of Anthropology and Archeology (GEEUR-UFPEL), took place on May 14, 15 and 17, 2019, at UFPEL. The workshop ‘Kit-gay: Construindo Saberes para Discussão de Gênero e Sexualidade em Contextos Educacionais,’ a segment of the event, was held during a troubled political context, in which ‘gender ideology’ is used to mobilize authoritarian political actions. Hence, this paper reflects on the dialogue between Anthropology and Education based on a brief contextualization about the so called kit-gay (gay kit), using methodologies that address gender, education, performance, ideology and narratives.

Keywords: Kit-gay. Gender. Anthropology. Education.

Resumen: El evento ‘P.O.C. Proyecto Otros colores: Tres días para hablar sobre diversidad y educación’, realizado por el Centro Académico Florestan Fernandes del curso de Ciencias Sociales de la Universidad Federal de Pelotas (CAFF-UFPEL) y por el proyecto de extensión ‘Mapeando a Noite: O Universo Travesti’, vinculado al proyecto de investigación ‘Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas’ del Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos del Departamento de Antropología y Arqueología (GEEUR-UFPEL), tuvo lugar los días 14, 15 y 17 de mayo de 2019 en la UFPEL. El taller ‘Kit-gay: construindo saberes para discussão de gênero e sexualidade em contextos educacionais’ deviene en un contexto político problemático, en el que la ‘ideología de gênero’ se utiliza para movilizar acciones políticas conservadoras. Este texto busca reflexionar sobre el diálogo entre los campos de Antropología y

1 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia (PPGA-UFBA). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: felipe.aurelio197@hotmail.com

2 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS-UFSC). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: newansouza@outlook.com

3 Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Paraná (PPGAA-UFPR). E-mail: vgnrbrt@gmail.com

4 Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professora adjunta do Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA), do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas (UFPe). E-mail: louiseturismo@yahoo.com.br



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 08/07/2020

Aceito em 04/11/2021

Educación, a partir de una breve contextualización sobre este kit-gay, con el uso de metodologías que abordan género, educación, performance, ideología y narrativas.

Palabras clave: Kit-gay. Género. Antropología. Educación.

1 Apresentação: no país da “ideologia de gênero”

O que dá nome a este texto e, conseqüentemente, irá guiar a reflexão apresentada é uma referência ao ‘apelido pejorativo’ que os discursos autoritários da extrema-direita brasileira deram ao material do Projeto Brasil Sem Homofobia – idealizado pelo governo federal, em 2004, do qual fazia parte o ‘Escola Sem Homofobia’. Este, que mais adiante se tornaria objeto na campanha eleitoral, objetivava combater a violência e o preconceito contra a população LGBTQIAP+⁵ em diversos âmbitos, mas especialmente em espaços educacionais.

O kit-gay, como ficou popularmente conhecido, estava voltado à formação de professores/as/us, gestores/as/us e integrantes da comunidade escolar das instituições públicas de educação básica do país para discussões e situações vivenciadas por pessoas LGBTQIAP+. O material era composto por cartas de apresentação, vídeos, cadernos, boletins e cartazes desenvolvidos com a intenção de instrumentalizar e qualificar docentes a respeito de metodologias possíveis para a abordagem da temática LGBTQIAP+ e da diversidade sexual e de gênero em contextos pedagógicos. Em 2011, porém, cedendo às pressões, o projeto teve a distribuição cancelada pelo governo Dilma Rousseff.

As polêmicas quanto ao kit-gay, no entanto, voltaram a ganhar as manchetes de jornais quando, em uma entrevista ao *Jornal Nacional*⁶, o telejornal de maior alcance no Brasil, exibido pela Rede Globo, o então candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro, em meio à corrida eleitoral de 2018, utilizou o livro francês *Aparelho sexual e cia*⁷, de Hélène Bruller, para atacar o então candidato Fernando Haddad. Segundo Bolsonaro, o livro fazia parte do kit-gay, já teria sido distribuído pelo governo federal em escolas públicas do país durante a gestão de Fernando Haddad como Ministro da Educação (2005-2012) e configurava aquilo que Bolsonaro e outros viriam chamar de ideologia de gênero.

É em meio a esse contexto de disputa no campo da Educação, com discursos, mentiras e verdades, que nos inserimos. Com a eleição de Jair Bolsonaro ao mais alto cargo do Poder Executivo, nos dias 14, 15 e 17 de maio de 2019, ocorreu, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), o evento ‘P.O.C. Projeto Outras Cores: três dias para falarmos de diversidade e educação’. O evento foi realizado pelo Centro Acadêmico Florestan Fernandes (CAFF) do curso de Ciências

5 Adotaremos ao longo deste artigo a sigla LGBTQIAP+, que busca representar pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e transexuais, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais e demais pessoas que não se identifiquem dentro de uma normativa cisheterossexual.

6 Mais informações disponíveis na reportagem “É #fake que Haddad criou ‘kit-gay’ para crianças de seis anos” (2018).

7 Distribuído no Brasil pelo selo juvenil da editora Companhia das Letras.



Sociais da UFPel, em parceria com o Projeto de Extensão ‘Mapeando a noite: o universo travesti’, vinculado ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) do Bacharelado em Antropologia da UFPel. O evento foi pensado, organizado e planejado por estudantes de diferentes cursos, como Antropologia, Arqueologia, Ciências Sociais, Turismo, Cinema e Audiovisual. Dentre as diversas atividades propostas pelo evento, em 14 de maio foi realizada a oficina ‘Kit-gay: construindo saberes para discussão de gênero e sexualidade em contextos educacionais’.

Nossa proposta de oficina buscava percorrer dois eixos principais, entendidos como essenciais para a construção de um debate e de um projeto sobre o tema: 1. compreender os fundamentos utilizados na construção do conceito de ideologia de gênero, questionando teoricamente a sua aplicação e utilização; 2. compartilhar referências culturais voltadas para a cultura LGBTQIAP+ e produzidas por pesquisadores/as/us, educadores/as/us e artistas. Desta forma, desejávamos resgatar a ideia original do ‘Escola Sem Homofobia’, ressignificando a utilização do termo kit-gay, pois, ao *enviadescer* a formação docente com práticas pedagógicas de manutenção e de resistência cultural, o ato de brincar com a ideia de kit-gay transforma o embate com os discursos conservadores, que cada vez mais tentam se fazer presentes nos espaços escolares. Como explica Guacira Lopes Louro (2001, p. 541):

Se, nos dias de hoje, ela [sexualidade] continua alvo da vigilância e do controle, agora ampliaram-se e diversificaram-se suas formas de regulação, multiplicaram-se as instâncias e as instituições que se autorizam a ditar-lhe as normas, a definir-lhe os padrões de pureza, sanidade ou insanidade, a delimitar-lhe os saberes e as práticas pertinentes, adequados ou infames.

Neste sentido, a ideia de construir saberes se desenvolveu a partir de uma metodologia que preconizou três momentos: 1. explicação, conceituação e contextualização das ideias que seriam discutidas; 2. exibição de material audiovisual sobre a temática; 3. construção e desenvolvimento de kits-gay considerando a educação e dentro do eixo de sensibilização e de construção de espaços de interlocução, importantes para a valorização e o reconhecimento social da população LGBTQIAP+.

Apresentaremos neste texto os passos de construção da oficina, os debates teóricos realizados para sua articulação e como as produções dos kits-gay subsidiam um processo em que são repensadas categorias como gênero, sexualidade, diversidade e espaços educacionais a partir da Antropologia.

2 Metodologia: uma oficina e muitos kits-gay

A oficina foi realizada em uma sala de aula da Faculdade de Educação da UFPel e teve duração de



aproximadamente duas horas. Desde o princípio, foram utilizadas diferentes formas de repensar a educação formal. Na porta e na mesa principal, onde estavam os materiais para a realização da oficina – projetor, notebook, caixas de som, folhas de papel A4 e canetas coloridas –, foram colocadas bandeiras LGBTQIAP+. As cadeiras, dispostas em círculo, permitiam uma maior interação entre as/os/ês quase vinte participantes, que variavam entre mulheres, homens, pessoas não binárias, trans e cisgênero com idades diversas – a predominância, contudo, era da faixa etária de 20 a 30 anos.

Figura 1 – Oficina KIT-GAY 14/05/2019 I



Fonte: Acervo dos/as autores/as.

O evento, em certa medida, buscava tratar sobre a demanda dos/as/es estudantes de Ciências Sociais e Humanas de que a temática fosse abordada dentro das universidades e escolas, levando em consideração a crescente utilização do termo como um instrumento para censurar ou inibir discussões a respeito de educação sexual, de gênero e de diversidade na Educação. Neste sentido, a apropriação de termos considerados pejorativos e a subversão do conceito de kit-gay, por meio do ‘deboche’, da brincadeira e da inversão de termos utilizados contra a comunidade LGBTQIAP+, transforma-se em uma espécie de ‘resposta’ ao atual contexto político.

Partimos para o primeiro eixo: os questionamentos teóricos do conceito de ideologia de gênero. Esses debates foram apresentados na oficina a partir do texto *Ideologia de gênero: uma falácia, construída sobre os planos de educação brasileiros*, em que Toni Reis e Edla Eggert (2017) discorrem sobre os direitos humanos e a educação brasileira, retomando desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, até a atualidade. O autor e a autora nos auxiliam a



entender o processo de surgimento e enraizamento dos discursos conservadores e religiosos pautados na ideologia de gênero em processos educacionais do Brasil.

Segundo Reis e Eggert (2017), o próprio conceito de ideologia não é fixo e tem diversos entendimentos ao longo do desenvolvimento dos estudos em Ciências Sociais. Para Nicola Abbagnano, ideologia seria uma “doutrina mais ou menos destituída de validade objetiva, porém mantida pelos interesses claros ou ocultos daqueles que a utilizam”. (ABBAGNANO, 2003 apud REIS; EGGERT, 2017, p. 15) E, ainda sobre ideologia, uma outra conceituação relevante para as nossas futuras reflexões aparece no texto dos autores: “ideologia como meio utilizado pela classe dominante para manter seu domínio sobre as demais classes por meio da imposição de suas ideias”. (MARX; ENGELS, 1997 apud REIS; EGGERT, 2017, p. 15) Nessa perspectiva, a ideologia é vista, também, como uma falsa consciência entre aqueles que estão dominados, que mascara e que inverte a realidade social em que se encontram se baseando nos ideais da classe dominante.

Buscamos contextualizar a disputa pelo controle sobre os sentidos de ideologia – um conceito amplo e carregado de sentidos – e sua utilização em discursos autoritários de extrema-direita, ‘terrivelmente cristã’, que lançam mão do conceito de ideologia de gênero para impedir as tentativas de abordar temáticas como educação sexual, de gênero e diversidade nas escolas, na mídia, nas assembleias legislativas e em diferentes resoluções legais, além do veto a menções ao termo ‘gênero’ em documentos oficiais de regulamentação e em diretrizes de educação do Brasil. Esse tipo de discurso coloca os esforços por uma educação mais diversa e sem violência de cunho LGBTQIAP+fóbico⁸ como uma ideologia que objetiva destruir a ‘família tradicional brasileira’ e influenciar crianças e adolescentes a sexualidades e formas de ser não cisheteronormativas⁹. Ao mesmo tempo, essa ‘luta contra’ a ideologia de gênero para ‘salvar as crianças’, para além de ser pautada em discursos machistas, misóginos e LGBTQIAP+fóbicos, potencializa a negligência do Estado frente aos problemas estruturais da educação brasileira, bem como os desafios de abordar

8 A LGBTQIAP+fobia pode ser entendida como uma aversão irreprimível, repugnância e ódio em relação às pessoas que compõem a sigla e que leva à atos de discriminação, preconceito e violência contra indivíduos que não se enquadram dentro da cisheteronormatividade. Na decisão de 2019 do Supremo Tribunal Federal (STF), que enquadra a homofobia e transfobia como crimes de racismo ao reconhecer omissão legislativa, ficou estabelecido que condutas homofóbicas e transfóbicas, reais ou supostas, que envolvem aversão odiosa à orientação sexual ou à identidade de gênero de alguém são crimes por traduzirem expressões de racismo. Ou seja, o conceito de racismo é compreendido em sua dimensão social e “projeta-se para além de aspectos estritamente biológicos ou fenotípicos, pois resulta, enquanto manifestação de poder, de uma construção de índole histórico-cultural motivada pelo objetivo de justificar a desigualdade e destinada ao controle ideológico, à dominação política, à subjugação social e à negação da alteridade, da dignidade e da humanidade daqueles que, por integrarem grupo vulnerável (LGBTI+) e por não pertencerem ao estamento que detém posição de hegemonia em uma dada estrutura social, são considerados estranhos e diferentes”. (BRASIL, 2019)

9 Geni Longhini e Keo Silva (2018) definem heterocisnorma/cisheteronorma como a compulsoriedade conjunta da heterossexualidade e cissexualidade nos corpos antes mesmo do seu nascimento que nomeia os efeitos dos desvios dessa normatização. Assim, o sistema heteronormativo estabelece que o ideal de sujeito é homem, cis, hétero, branco, rico e sem deficiência, e quanto mais uma pessoa se afasta desse ideal, tanto mais sofre violências institucionais.



temas socialmente delicados para a reflexão da comunidade escolar.

Ao buscar compreender a utilização do conceito de ideologia e desenvolver melhor este pensamento para expô-lo e apresentá-lo na oficina kit-gay, abordamos autores que propagam o conceito de ideologia de gênero como uma ‘ditadura gay’. Jorge Scala, argentino, advogado e professor de Bioética na Universidad Libre Internacional de las Américas (ULIA), escreveu *Ideologia de gênero: o neototalitarismo e a morte da família*, em 2015, uma peça que, por diversas vezes, foi utilizada por aqueles que objetivam respaldar suas afirmações em supostas pesquisas e pesquisadores do campo acadêmico. Scala, em entrevista, diz que:

Seu fundamento [da ideologia de gênero] principal e falso é este: o sexo seria o aspecto biológico do ser humano, e o gênero seria a construção social ou cultural do sexo. Ou seja, que cada um seria absolutamente livre, sem condicionamento algum, nem sequer o biológico, para determinar seu próprio gênero, dando-lhe o conteúdo que quiser e mudando de gênero quantas vezes quiser. Agora, se isso fosse verdade, não haveria diferenças entre homem e mulher – exceto as biológicas; qualquer tipo de união entre os sexos seria social e moralmente boas, e todas seriam matrimônio; cada tipo de matrimônio levaria a um novo tipo de família; o aborto seria um direito humano inalienável da mulher, já que somente ela é que fica grávida; etc. Tudo isso é tão absurdo, que só pode ser imposto com uma espécie de ‘lavagem cerebral’ global. (SCALA, 2012 apud REIS; EGGERT, 2017, p. 16-17)

Proposições, projetos e iniciativas que reafirmam esse conceito de ideologia de gênero estão presentes no cenário político brasileiro, desconsiderando inúmeros dados e pesquisas que contrariam tais afirmações¹⁰. Grupos como o Movimento Brasil Livre (MBL), fundado em 2014, compartilham vídeos, pequenos textos e memes sobre o assunto, que ganham grande repercussão. A página do MBL no Facebook, por exemplo, na época da realização da oficina, tinha mais de 3 milhões de seguidores que compartilhavam, comentavam e interagiam com seus conteúdos¹¹.

Cabe pontuar, ainda, que dentro do movimento articulado de luta contra a ideologia de gênero, diferentes grupos institucionais se destacam, como a Igreja Católica, que, utilizando braços midiáticos como o canal Canção Nova, apoia ataques àquilo que chama de identidade de gênero ou ideologia de gênero, por meio de ‘reportagens’ veiculadas constantemente em seus portais. Segundo um desses padres – Mário Marcelo Coelho, doutor em Teologia Moral –, a ideologia de gênero tem como objetivo “atacar a família, o matrimônio, a maternidade, a paternidade, a moral na vida sexual e a vida pré-natal”. (PADRE EXPLICA O..., 2015) A Figura 2 mostra parte do movimento que tentamos realizar. Mais do que entender os conceitos de gênero, sexualidade e

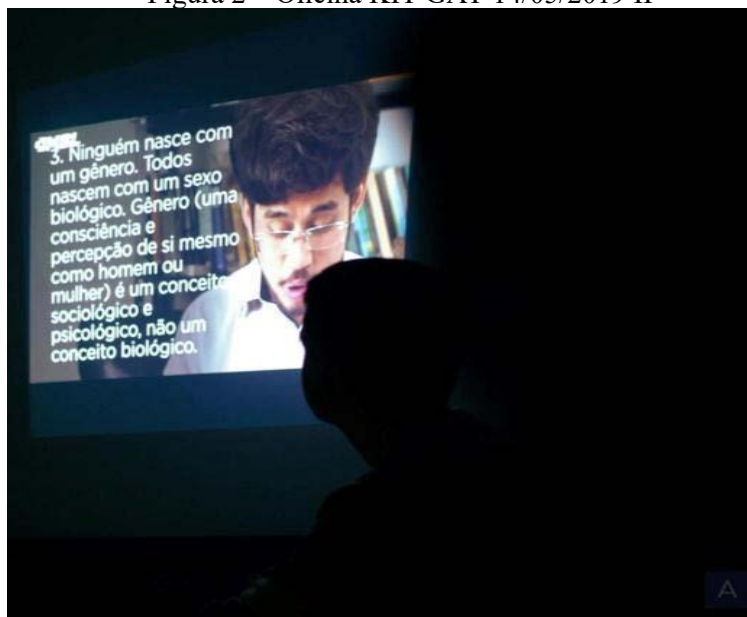
10 Para citar um exemplo, de acordo com o dossiê da Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil e do Instituto Brasileiro Trans de Educação (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020), 99% das pessoas LGBTI participantes afirmaram não se sentirem seguras no país. Em 2019, 11 pessoas LGBTI foram agredidas diariamente no Brasil. Ainda, 95% dos casos nos quais a notícia diz se tratar de “homem vestido de mulher é encontrado morto” se trata do assassinato de uma travesti ou mulher transexual, que é noticiado de forma transfóbica.

11 Atualmente, a página tem aproximadamente 300 mil curtidas a menos, o que mostra um enfraquecimento da rede.



diversidade para a construção de espaços educacionais plurais, precisamos compreender, a partir do contexto político que vivemos, de qual forma esses debates são ‘absorvidos’ e reproduzidos por uma certa ‘onda’ reacionária. Assim, o ato de instrumentalizar docentes em formação é situado na construção de alternativas aos discursos conservadores LGBTQIAP+fóbicos, como os de Kim Kataguirí¹², parlamentar do MBL e deputado federal pelo Estado de São Paulo.

Figura 2 – Oficina KIT-GAY 14/05/2019 II



Fonte: Acervo dos/as autores/as.

A metodologia que utilizamos seguiu essa linha argumentativa. Em um primeiro momento, com a ajuda de uma apresentação de slides, foi feita uma exposição dos conceitos que pautaram a oficina, que apresentamos neste texto. Em seguida, adentramos no debate sobre ideologia de gênero a partir do vídeo de Kim Kataguirí e de excertos de falas de Jorge Scala. Naquele momento controverso, evidenciamos alguns protestos e brincadeiras por parte dos/as/es participantes, que afirmaram ser ‘tortura’ ter que assistir a um vídeo do MBL. Nosso objetivo era que, a partir daquele momento, ao se apropriarem dos argumentos e estratégias discursivas daqueles/as que atacam a educação pautada na pluralidade e da diferença, os/as/es participantes conseguissem dar o primeiro passo para desenvolver reflexões sobre uma prática docente engajada na diversidade.

Para auxiliar na construção e no desenvolvimento de kits-gay, ou seja, daquilo que as/os/es participantes consideravam importante estar presente nas escolas e na prática educacional para

12 O parlamentar, em um vídeo, apresenta uma série de confusões e informações distorcidas em torno da discussão sobre ideologia de gênero e em sua descrição faz a seguinte chamada: “O politicamente correto atingiu o absurdo com a ideologia de gênero. Chegamos no cúmulo de permitir que homens batam em mulheres em nome da igualdade”. (A IDEOLOGIA DE..., 2017)



o trato com pessoas e temáticas LGBTQIAP+ – uma composição de objetos, saberes, vivências, músicas, mídias e desabafos sobre sexualidade, gênero e diversidade –, exibimos vídeos e compartilhamos conteúdos sobre a temática. A partir de referências contemporâneas e clássicas de materiais voltados para a cultura LGBTQIAP+, realizadas por pesquisadores/as/us, educadores/as/us e artistas, foi possível iniciar um debate sobre a importância da representação LGBTQIAP+ durante a adolescência. A troca de referências se tornou uma constante.

Vale destacar, ainda, que a oficina não permaneceu inalterada ao longo do processo de desenvolvimento e de aplicação. Informações, dados, conteúdos e materiais de apoio foram acrescentados aos eixos principais e outros foram modificados, pois a experiência e a própria construção desse tipo de espaço não se dão apenas entre aqueles que o planejam. São nesses momentos que o encontro entre Antropologia e Educação se potencializa. O olhar treinado e os ouvidos ansiosos, sensibilizados a partir dos textos, das saídas a campo, das discussões e das conversas, modificam práticas em espaços de ensino. É nas falas dos/as/es participantes e na leitura de cada kit-gay produzido na oficina que encontramos nossos/as/es interlocutores/as/us. Seus anseios e narrativas por uma educação mais plural e acolhedora para a população LGBTQIAP+ se tornam nosso material de estudo e, por menos duradouro que tenha sido nosso contato, a riqueza das trocas proporcionadas pela oficina transborda a cada novo encontro.

3 Performances: papéis coloridos e encontros antropológicos

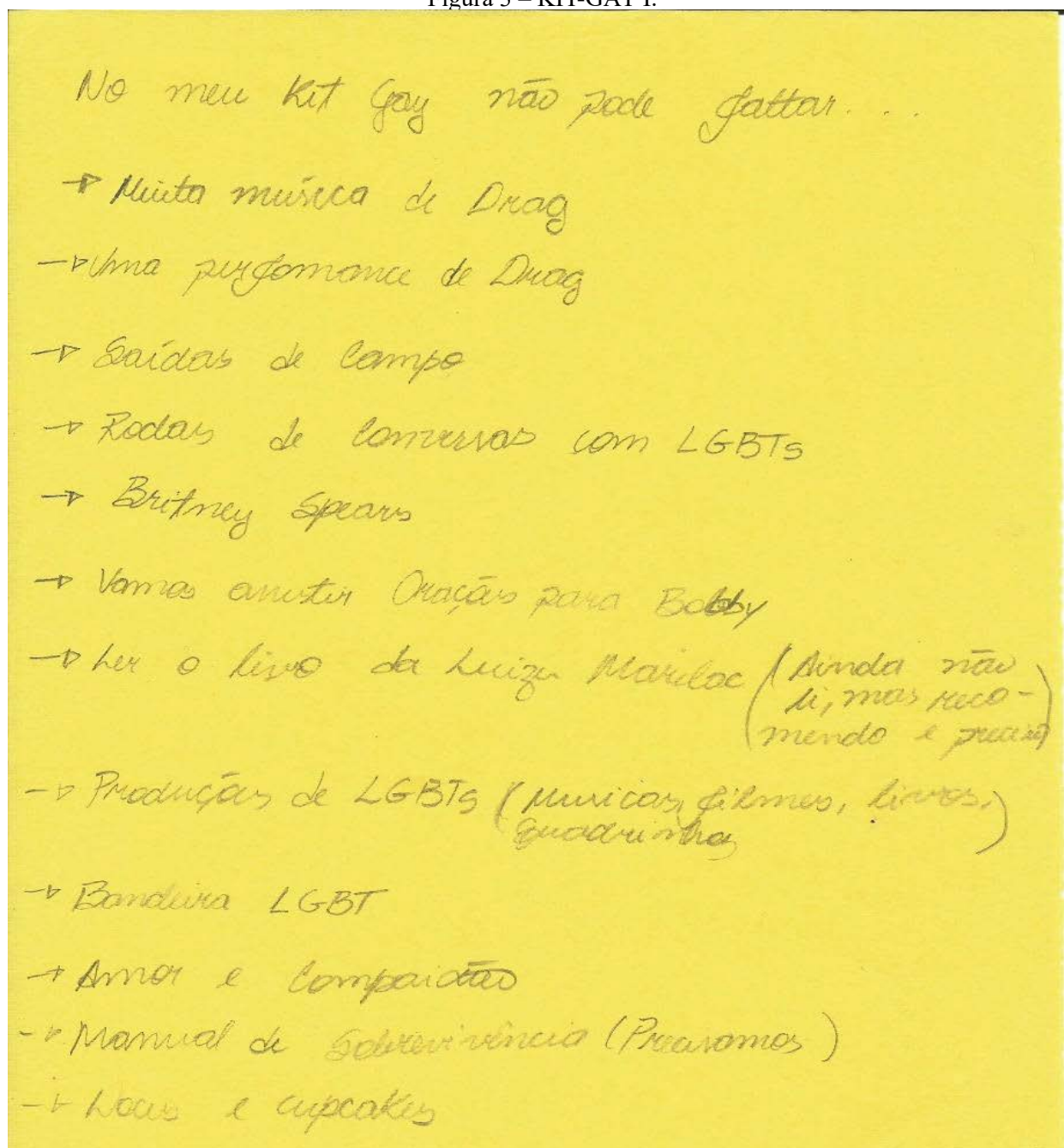
Em uma perspectiva antropológica de análise, os kits-gay, mesmo em sua forma mais ‘singela’ – textos e ilustrações em papéis coloridos – são partes constituintes dos nossos dados de pesquisa e do próprio campo etnográfico. Por serem diversos, já que foram elaborados por pessoas tão diferentes, os kits-gay são extratos de múltiplas realidades em que os espaços educacionais e a sua relação de violência e/ou inclusão com pessoas LGBTQIAP+ são evidenciados. Estamos falando de interlocuções que não se deram apenas no momento da oficina e que trazem à tona sentimentos e ações das mais variadas em relação à educação e ao que se espera dela. Afinal, “a pesquisa etnográfica não tem início em lugar especial ou momento determinado; ela tem espaço dentro de nós, quando mobilizamos uma sensibilidade específica”. (PEIRANO, 2009, p. 53)

Neste sentido, é importante frisar que o nosso entendimento em relação ao ‘objetivo fundamental da pesquisa etnográfica’, como já nos diz Emerson Giumbelli (2002, p. 102), dá-se “a partir de uma variedade de fontes, cuja pertinência é avaliada pelo acesso que propiciam aos ‘mecanismos sociais’ e aos ‘pontos de vista’ em suas ‘manifestações concretas’”. O autor nos apresenta a ideia de que a própria Antropologia não deve ser definida a partir da utilização



de “um estudo ou metodologia estritos”. (GIUMBELI, 2002, p. 104) Assim, a amostra de kits-gay que floresceu a partir da P.O.C. nos traz evidências importantes para pensarmos as questões propostas sobre a temática a partir da teoria antropológica e passa a guiar diferentes ações do projeto ‘Mapeando a noite’. Apresentaremos, a seguir, algumas das narrativas que surgiram com a oficina:

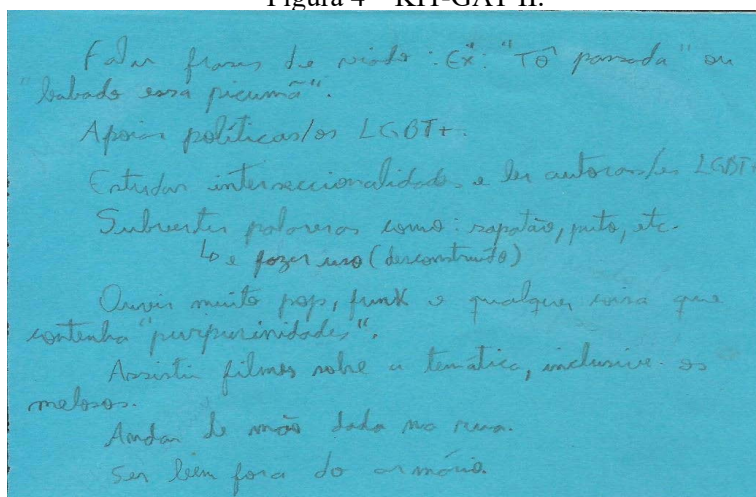
Figura 3 – KIT-GAY I.



Fonte: Acervo dos/as autores/as.

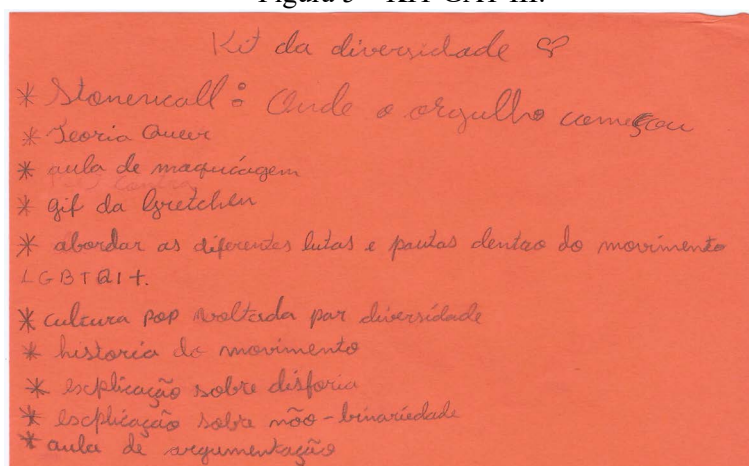


Figura 4 – KIT-GAY II.



Fonte: Acervo dos/as autores/as.

Figura 5 – KIT-GAY III.



Fonte: Acervo dos/as autores/as.

Em um primeiro momento, os kits-gay podem parecer simples listas, mas carregam um significado maior, pois relacionam elementos de matrizes distintas, a partir de experiências coletivas e individuais e, em alguma medida, tensionam os limites das escolas, visto o desconforto que tais temáticas podem causar. Trata-se daquilo que os/as/es participantes, ao refletirem a partir de suas experiências educacionais, formais ou não, propõem como possibilidades para uma educação mais inclusiva para a população LGBTQIAP+. Foram listados elementos considerados necessários para uma escola que se constitui em um espaço de acolhimento e aceitação de seus mais diversos/as/es alunos/as/es, desde referências artísticas, passando por música pop, até reflexões sobre a agenda política de avanços de direitos sociais. É um longo caminho a ser percorrido e para tornar as práticas pedagógicas naquele componente de mudança, afinal, como já afirmava Paulo Freire, “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. (FREIRE,



2000, p. 67)

Nesse desafio de (re)pensar a escola e a educação, por meio de um exercício crítico de negar o espaço escolar enquanto local de reafirmação das expectativas hegemônicas de gênero, encontramos a necessidade de discorrer sobre como o gênero está imbricado e é expresso nas relações que permeiam o espaço escolar. Aqui, o gênero é assumido como performatividade, uma repetição que põe em cena atos do masculino e do feminino. (BUTLER, 2003) A escola, então, apresenta-se como um espaço de cobrança, de manutenção e de reificação institucional dessas performances, exigindo a todo instante uma performatividade cisheteronormativa dos corpos presentes, seja você pai, mãe ou responsável, professor/a/u, gestor/a/u, estudante ou outro membro da comunidade escolar.

Segundo Icle e Bonatto (2017), quando voltam o olhar para a pedagogia, as pessoas que estudam a performance (GAROIAN, 1999; PINEAU, 2005, 2010, 2013; STUCKY; WIMMER, 2002) dedicaram a atenção às relações estabelecidas entre professores/as/us e estudantes e às marcas deixadas em seus corpos pelo processo de escolarização. Segundo o autor e autora:

Organizamos-nos em sociedade desempenhando papéis de acordo com as expectativas que recaem sobre eles e que conhecemos de antemão. É parte intrínseca a esse processo de reprodução, repetição, a potência para instaurar a ruptura, gerando uma perspectiva que ressignifica nosso olhar sobre estruturas cristalizadas e aponta para a importância de procurarmos as fissuras, as brechas que possibilitem novas formas de ser. (ICLE; BONATTO, 2017, p. 10)

Para o autor e a autora, pensar performance e educação é converter a sala de aula em um espaço de invenção, de criação, de criatividade que busque entender as manifestações dos corpos inquietos, incomodados, desacomodados. Assim:

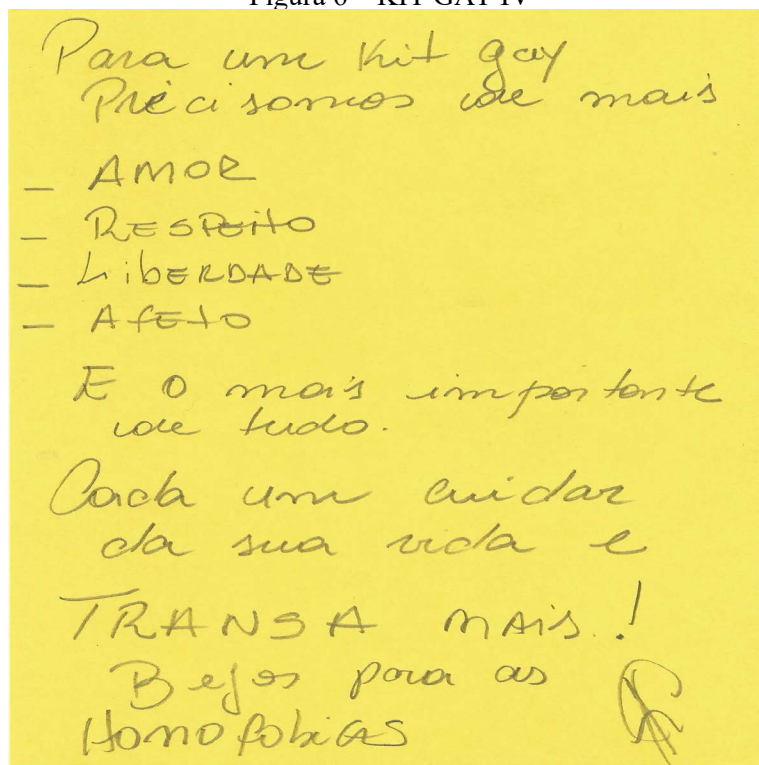
A potência da noção de performance no campo da Educação, em especial na análise da escola, circunscreve-se não apenas no diagnóstico (pensar a escola como performance), mas também na proposição (pedagogias performativas), pois a qualidade da performance (o performativo) é a capacidade que ela tem de nos mostrar a transformação como fator essencial da ação humana: na performance fazemos alguma coisa que nos permite refazer-nos a nós mesmos. (ICLE, BONATTO, 2017, p. 9)

Desta forma, a performance assume diversas dimensões intrínsecas ao corpo, no (re)fazer constante do gênero e de suas expressões. A performance se faz presente, também, enquanto ação, na medida em que refletir, discutir e escrever sobre aquilo que nos falta é uma forma de contestar e de exigir uma escola menos violenta com a população LGBTQIAP+. Para Louro (2008), há em ação processos que constroem gêneros e sexualidades e que se dão por meio de inúmeras aprendizagens e práticas. Segundo a autora, tais construções se insinuam nas mais distintas



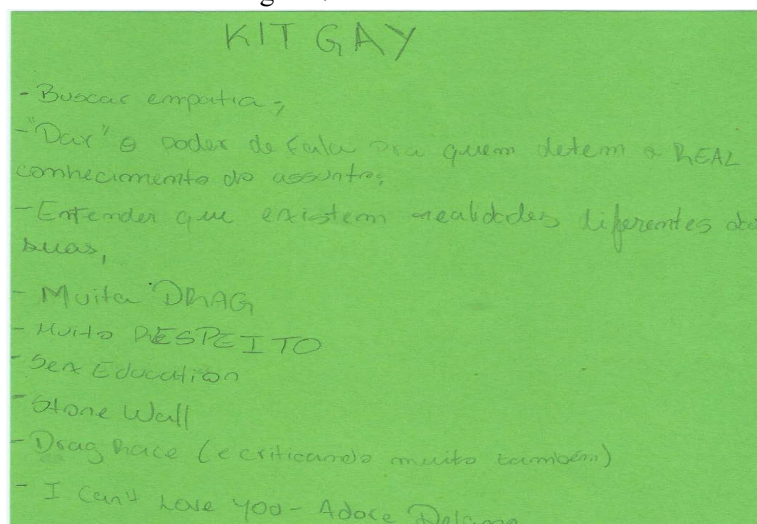
situações e são “empreendida[s] de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado”. (LOURO, 2008, p. 18) Neste sentido, são justamente as práticas de expulsão, violência, discriminação e exclusão, construídas e institucionalizadas no espaço escolar, que nos fizeram questionar: que outras performances de gênero e sexualidade seriam possíveis se realmente tivéssemos um kit-gay como ferramenta educacional?

Figura 6 – KIT-GAY IV



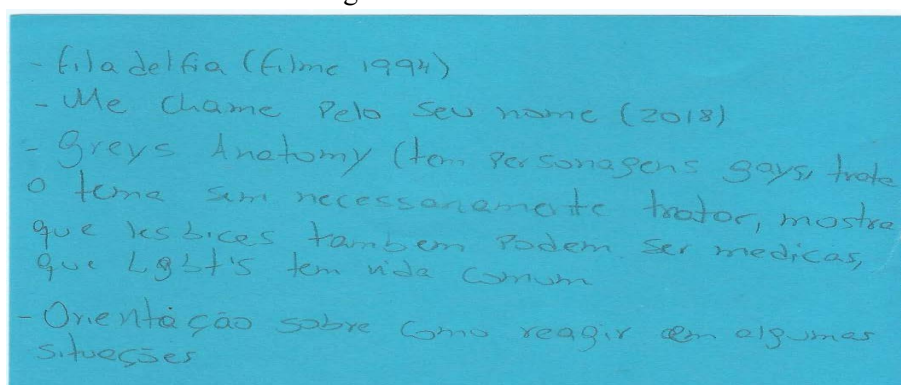
Fonte: Acervo dos/as autores/as.

Figura 7 – KIT-GAY V.



Fonte: Acervo dos/as autores/as.

Figura 8 – KIT-GAY VI



Fonte: Acervo dos/as autores/as.

Refletir sobre o conteúdo dos kits-gay não é uma tarefa fácil, pois sua diversidade de sentidos é múltipla. Alguns falam de sentimentos, outros pensam em ações, cantores/as/us, músicas, filmes e séries. Há aqueles/as/us que utilizam frases para evocar posicionamentos e, ainda, os/as/us que não poderiam deixar de fora o ensino de forma mais institucional – conceitos, ideais, histórias e movimentos fundamentais para o entendimento do ser/viver LGBTQIAP+. Algo um tanto peculiar que surge com muita força nessas narrativas são as ‘coisas’: bandeiras, camisetas, purpurinas, doces e *cupcakes*.

Nas Tabelas 1 e 2, fizemos o esforço pedagógico de colocar todas as narrativas de forma sistemática para preservar o dito/escrito. Para a análise desse material, após a oficina, transcrevemos os elementos que aparecem em cada kit com atenção àqueles que surgiram com mais frequência. Os agrupamentos que fizemos – sentimentos, coisas, ações, ensino, frases e mídias – são parte de um esforço singelo para a compreensão das demandas que são postas por quem participou da

oficina em cada um dos papezinhos coloridos. Houve aqueles/as/us que pediram por mais amor, respeito e liberdade como estratégia para a produção de uma escola mais acolhedora para jovens LGBTQIAP+, sentimentos que possibilitam e são um ‘norte’ para pôr em prática as ações, ou mesmo para que tais ações sejam possíveis na escola.

Por sua vez, a escola, enquanto um ambiente institucional, se beneficiaria de um currículo atento aos demais elementos que agrupamos como ‘ensino’. Afinal, como diria Márcio Ferreira, é por meio de um olhar crítico sobre o currículo que é possível “promover um processo em que haja transformação em relação à pluralidade cultural de gênero e sexualidade”. (FERREIRA, 2015, p. 54)

Quando agrupados, os ditos/escritos compõem não apenas demandas subjetivas e individuais – com sua multiplicidade de coisas, frases e mídias, que ajudaram na construção identitária de cada pessoa presente na oficina –, mas também uma composição muito maior do que a proposta inicial da atividade poderia prever. Quando reunidos, os elementos de cada um dos agrupamentos fornecem chaves estratégicas para uma pedagogia tal qual propõe Louro (2001, p. 552): uma pedagogia que “antes de pretender ter a resposta apaziguadora ou a solução que encerra os conflitos, quer discutir (e desmantelar) a lógica que construiu esse regime, a lógica que justifica a dissimulação, que mantém e fixa as posições de legitimidade e ilegitimidade”.



Tabela 1 – Transcrição kits-gay

KITs-GAY				
Sentimentos	Coisas	Ações	Ensino	
Amor (2)	Camisetas de	Performances drag	Orientação sexual	Aula de
Respeito (2)	luta LGBTI+	Saídas de campo	Teoria <i>queer</i>	argumentação
Liberdade	Gif da	Rodas de conversa	Aula de	Lugar de fala
Afeto	Gretchen	com LGBT+ (3)	maquiagem	Pajuba
Compaixão	Bandeira	Apoiar políticas	Abordar as	Feminismo
Empatia	LGBTI+	LGBT+	diferentes lutas	Interseccionalidade
Diálogo	Manual de	Subverter palavras:	e pautas dentro	Sexo e gênero
Simpatia	sobrevivência	sapatão, puta, viado...	do movimento	Ideologia de gênero
	(2)	Andar de mãos dadas	LGBT+	Produções LGBT+
	Doces e	na rua	Cultura pop	(música, filmes,
	cupcakes	Ser bem fora do	voltada para	livros, quadrinhos)
	Purpurina	armário	diversidade	Textos teóricos /
		Mais visibilidade para	Purpurinidades (2)	autores LGBT+
		o cotidiano trans e	História do	
		travesti (2)	movimento	
		Boicotar/apoiar	LGBT+ (2)	
		empresas inimigas/	Explicação sobre	
		amigas da	disforia	
		comunidade LGBT+	Explicação sobre	
			não binaridade	
Frases				
<p>“Cada um cuidar da sua vida e transar mais! Beijo para as homofóbicas”;</p> <p>“Explicar que orientação é um direito de cada um”;</p> <p>“Minha contribuição seria mais no sentido de reforçar essa luta”;</p> <p>“Entender que existem realidades diferentes das suas”;</p> <p>“Falar frases de viado: tô passada ou babado essa picumã”;</p> <p>“Muita drag”;</p> <p>“Dicas de opções de roupa para substituir camisa pólo, sapatênis e correntes de prata”;</p> <p>“Motivação para não empinar moto ou fazer ran-tan-tan-tan”;</p>				



Tabela 2 – Transcrição kits-gay

KITS-GAY	
Mídias	
Stonewall: onde o orgulho começou (FILME) (2) Músicas de drags Britney Spears (CANTORA) Orações para Bobby (FILME) Eu, travesti: memórias de Luiza Marilac (LIVRO) Sex education (SÉRIE) (3) Ru Paul's Drag Race I can't LOVE YOU (Adore Delano) (MÚSICA) Marisa Monte (CANTORA) Sense8 (SÉRIE) Hoje eu quero voltar sozinho (FILME) Cazuza (CANTOR) Katy Perry (CANTORA) Elis Regina (CANTORA) Ana Carolina (CANTORA) Quebrada Queer (GRUPO MUSICAL)	Meninos não choram (FILME) Homossexualidade, ponto final (VÍDEO) Biografia do Fred Mercury X-Men (FILMES, DESENHOS, QUADRINHOS) Filadelfia (FILME) Me chame pelo seu nome (FILME) Grey's Anatomy (SÉRIE) Girls like girls (Hayley Kiyoko) (MÚSICA) Brooklyn Nine-nine (SÉRIE) (2) Bicha Preta (Linn da Quebrada) (MÚSICA) Take me to church (Hozier) (MÚSICA) Não recomendado (Caio Prado) (MÚSICA) Tirinhas da Laerte Grace and Frankie (SÉRIE)

As narrativas das pessoas que defendem uma luta contra a ideologia de gênero – aquela que ‘doutrina’ as crianças – e daquelas que ‘solicitam’ uma escola mais inclusiva se inter cruzam e serão utilizadas nesta análise como relacionais, pois essas produções discursivas, práticas e ideológicas fundamentam um cenário de disputas de regimes de verdade sobre diversidade, inclusão e educação.

Ao lembrarmos o vídeo do Kim Kataguri, utilizado no início deste texto e como base das discussões da oficina em questão, notamos um visível esforço de um constante debate com as narrativas dos movimentos sociais LGBTQIAP+, apropriando-se de temáticas caras para estes grupos de forma a distorcer dados, projetos de lei, políticas públicas etc. É interessante pensar, inclusive, que os regimes de verdade disputados pelos movimentos conservadores são pautados em fake news e distorções de materiais de educação para a diversidade e de dados científicos e



estatísticos.

Destacamos alguns elementos apontados no vídeo do MBL que respaldam essa narrativa sobre ideologia de gênero e que serão interessantes para a nossa análise sobre os agrupamentos apresentados nas tabelas. O primeiro ponto é que essa ideologia de gênero dissolveria as diferenças entre ‘homens’ e ‘mulheres’ e seu eixo argumentativo reforça o binarismo de gênero, com destaque para o papel social de ‘homens’ e ‘mulheres’. Em muitos momentos, o discurso contrário a essa ideologia é voltado para as mulheres, entendidas como cuidadoras e responsáveis ‘naturais’ pela educação das crianças. Essa importância das mulheres cisgêneras e mães na educação faz com que elas sejam priorizadas no diálogo contra a diversidade e inclusão, de forma a trazê-las para essa luta¹³.

O conceito de família é central para tal empreitada contra a ideologia de gênero. Porém, cabe ressaltar que essa ideia de família é muito específica e se pauta em uma concepção cisheteronormativa, uma composição excludente, pois famílias compostas por mães solo, avôs e avós que criam netos, pessoas divorciadas, entre outras, não são consideradas. Nota-se um esforço em salientar a responsabilidade da família de manter e reforçar que essas crianças estejam cumprindo papéis normativos de gênero e sexualidade, tendo o direito e o dever de guiar jovens e impedir que ‘desviem’ do caminho ‘natural’ da cisheteronormatividade.

Outro aspecto é a constância e a articulação de um discurso biomédico que coloca a vida de pessoas LGBTQIAP+ sob um espectro de doença, tanto relacionada há uma possibilidade de cura – cura gay – quanto à permissibilidade da existência desses sujeitos ‘desviantes’, mas no âmbito privado e na invisibilidade, contrariando, assim, o discurso de orgulho e visibilidade das pautas LGBTQIAP+ em diferentes âmbitos, inclusive no ambiente escolar.

Evidenciamos que vários elementos que aparecem nos kits-gays respondem/dialogam diretamente com os discursos que respaldam a luta contra a ideologia de gênero, uma luta que aponta as práticas discriminatórias, preconceituosas e violentas já presentes no ambiente escolar. É possível, a partir das demandas que aparecem nos kits, demonstrar as relações que existem entre o que se deseja para uma escola pautada no acolhimento às diferenças e as bases argumentativas que mantêm as pautas conservadoras em torno da ideia de ideologia de gênero.

O agrupamento que engloba os sentimentos, por exemplo, demonstra como esses elementos – ‘amor’, ‘respeito’, ‘liberdade’, ‘afeto’, ‘compaixão’, ‘empatia’, ‘diálogo’ e ‘simpatia’ – não estão fazendo parte do cotidiano escolar para pessoas LGBTQIAP+. Ou seja, existe uma

13 Um exemplo desse tipo de posicionamento é a palestra proferida pela ex-Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos Damares Alves. Disponível em: <https://bit.ly/3bGuaXZ>. Acesso em: 31 jul. 2022.



primazia de experiências escolares pautadas em violência e exclusão na realidade dessas pessoas. Elementos como ‘camisetas de luta LGBTI+’, ‘bandeira LGBTI+’, ‘performance drag’, ‘ser bem fora do armário’, ‘abordar as diferentes lutas e pautas dentro do movimento LGBT+’, ‘história do movimento LGBT+’, ‘produções LGBT+ (música, filmes, livros, quadrinhos)’ e ‘textos teóricos/ autores LGBT+’ demonstram a ânsia por visibilidade, representatividade e aprofundamento desses debates não apenas desses/as/us estudantes, mas de toda comunidade escolar. Frases como “Explicar que orientação é um direito de cada um” e “Entender que existem realidades diferentes das suas” respondem diretamente aos discursos de intolerância e uniformidade pautadas nos conceitos de família, relacionamento, orientação sexual, gênero e educação que têm sido reforçados na suposta luta contra a ideologia de gênero.

Vale destacar que ainda nos falta discorrer mais sobre os não ditos/não escritos impregnados nessas histórias, visto que esses espaços envolvem questões subjetivas complexas sobre identidade, violência do Estado e relações socioculturais, como as diferentes configurações da sigla que aparecem em cada kit-gay. Para trazer o que não está sendo dito ou escrito, é preciso que façamos o exercício de aproximar o olhar e ir ao encontro do que transforma palavras desenhadas em folhas de papel colorido em narrativas de vivências únicas e próprias aqueles/as/us que tensionam a cisheteronormatividade compulsória. A purpurina ou ‘purpurinidade’, por exemplo, que dá brilho a essas figuras tão distintas, relaciona-se também à questão da invisibilidade desses corpos que transgridem: é a necessidade de ser visto/a/e ouvido/a/e ter sua vida reconhecida como humana e resguardada de direitos.

Por vezes, nos questionamos: o quão relevante pode ser a presença de ‘doces e cupcakes’, ou mesmo das ‘divas pop’ e figuras LGBTQIAP+? Um olhar desatento pode pensar que estes são apenas elementos de uma representatividade midiática, mas para aqueles/as/us que crescem sem representações, tais expoentes são parte importante do processo de assumir-se enquanto sujeitos dissidentes, ‘perigosos/as/es’, ‘fora da norma’, LGBTQIAP+.

É nesse exercício de se enxergar no outro e de perceber a incidência – quase insistência – para que haja mais representatividade no espaço escolar, ou melhor, para que ela chegue na escola como prática pedagógica, que percebemos as narrativas dos kits-gay para além das brincadeiras e experiências vividas: como demandas. Segundo Marcio Caetano, Treyce Goulart e Marlon Silva (2016, p. 636):

Se aceitarmos o entendimento sobre o corpo como uma situação cultural, então, a noção de corpo e sexo natural se faz cada vez mais suspeita. Enquanto dispositivos de subjetivação e de governo, entendemos que os discursos produzidos em torno do gênero e do sexo (re)produzem representações sociais, que uma vez construídos pela linguagem, ganham significado na cultura, subjetivando os sujeitos e, com isso, classificando-os.



Sendo assim, assumimos os kits-gay como uma metodologia de contestações, uma vez que questionam o modo como os significados são construídos, atribuídos, dão sentido e posicionam as diferenças, as identidades e os sujeitos. (FURLANI, 2005) Pensando as representações sociais enquanto categorias produzidas e inventadas, o exercício questiona aqueles que falam, por que falam e de onde falam ao produzirem uma determinada identidade. (CAETANO; GOULART; SILVA, 2016) Temos, então, um material composto por muitas vozes que exigem que esse processo comece na escola e que as (re)significações culturais produzidas a partir desses corpos e narrativas façam romper com as expectativas de gênero e de cisheteronormatividade, permitindo outras performances no espaço escolar.

A Antropologia, a Educação e a extensão universitária têm grande potencial de mobilização social, pois oferecem espaços para interagir com públicos e temáticas além dos muros das universidades, questionando e propondo relações que rompem com lógicas tradicionais de funcionamento das instituições, seja por meio da abordagem dos kits-gay ou pelos encontros que possibilitam. São encontros no plural, momentos que envolvem grupos diversos. Os kits-gay confeccionados nas oficinas, posteriormente, fizeram parte de exposições¹⁴ na cidade de Pelotas, em que além de terem sido vistos, também puderam servir de inspiração para que as pessoas que participaram e organizaram essas ações repensassem suas próprias experiências. Segundo Eckert e Rocha (2008, p. 3):

A interação é a condição da pesquisa. Não se trata de um encontro fortuito, mas de uma relação que se prolonga no fluxo do tempo e na pluralidade dos espaços sociais vividos cotidianamente por pessoas no contexto urbano, no mundo rural, nas terras indígenas, nos territórios quilombolas, enfim, nas casas, nas ruas, na roça etc., que abrangem o mundo público e o mundo privado da sociedade em geral.

O que gostaríamos de frisar neste instante é a articulação da produção dos kits-gay e a realização da oficina e do evento P.O.C. como momentos de produção de dados antropológicos para uma reflexão maior que vem sendo desenvolvida ao longo de anos. Nos interessa pensar em como a escola é considerada um espaço de produção e perpetuação de violência contra a comunidade LGBTQIAP+, pois é nos processos de confronto dessas categorias – como repensar esse espaço e sua pluralidade – que produzimos as interações apontadas por Eckert e Rocha (2008) anteriormente.

14 Em agosto de 2019, levamos os kits-gay para a exposição ‘Patrimônios invisibilizados: para além dos casarões, quindins e charqueadas’, organizada pelo GEEUR e pela Bibliotheca Pública Pelotense (BPP). A atividade fez parte da programação do Dia do Patrimônio de Pelotas e foi desenvolvida no Espaço de Arte Mello da Costa, nos porões da BPP. Ainda, de novembro a dezembro de 2019, no hall de entrada da Prefeitura Municipal de Pelotas, os kits-gay fizeram parte da exposição ‘50 anos de ação de Stonewall: ao nuances & também’, organizada por diversos grupos, como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), UFPel e o grupo Nuances, também de Pelotas.



Estes encontros, as oficinas e a mediação de exposições se entrelaçam a partir de interações e debates sobre um fazer antropológico que caminha de mãos dadas com outras áreas do conhecimento humano. Essas reflexões se constroem em movimento, transportam-se pelos espaços da cidade e pelas conexões dessas interlocuções, materializam-se e dissipam-se nos porões da Bibliotheca Pública Pelotense, em exposições, nas salas de aula da UFPel, no hall de entrada da Prefeitura Municipal de Pelotas e em espaços virtuais.

4 Considerações provisórias

Acreditamos que a oficina ‘Kit-gay’ proporcionou tensões tanto antes quanto depois de sua aplicação, pois se deu em meio a uma urgência social e a um contexto político nada promissor, envolto em perigo. Era perceptível o quanto os/as/es participantes estavam apreensivos/as/es e ansiosos/as/es para falar sobre essas temáticas, bem como o seu desconhecimento sobre espaços acolhedores – que se mostraram ausentes – para tratar dessas questões foram evidenciados ao longo da tarde. Pensar e falar sobre sexualidade, gênero, diversidade e afins dentro do ambiente escolar, principalmente na educação básica, tem se tornado um desafio cada vez mais difícil no Brasil da ideologia de gênero. O projeto de extensão ‘Mapeando a noite: universo travesti’ já vinha atendendo a essas demandas por meio da realização de oficinas e cursos de formação docente para o Ensino Público Municipal em Pelotas-RS. Porém, no ano de 2018, a equipe teve que parar de realizar essas ações presenciais nas escolas devido às violências que ocorriam contra aqueles/as/us que tratavam destas temáticas nas escolas, decorrentes dos ataques que vinculavam o projeto à ideologia de gênero. A ‘P.O.C.’ possibilitou que nós levássemos esses debates para dentro da própria universidade e os resultados do evento – incluindo os kits-gay – reforçaram a importância do atendimento dessas demandas no Ensino Básico, Médio e Superior.

Durante a pandemia de Covid-19, o projeto ministrou cursos e workshops on-line sobre diversidade e educação, nos quais se inscreveram centenas de pessoas de todo o Brasil. Esses dados demonstram uma deficiência na formação continuada de professores e o interesse de docentes em aprofundar esses debates. Assim, ainda que projetos e iniciativas como esta sofram retaliação por aqueles que ‘lutam contra a ideologia de gênero’, o interesse pela visibilidade e transformação das práticas intencionais de exclusão é crescente¹⁵.

Propomos, então, um último devaneio, uma consideração provisória, pois acreditamos ser preciso reiterar o processo de (re)pensar constantemente o cenário educacional brasileiro diante da atual gestão da Educação em relação às pessoas LGBTQIAP+ e a disseminação de uma suposta

15 Ver mais em Alfonso (2021); Siqueira et al. (2021), Dias et al. (2020) e Euzébio et al. (2019).



ideologia de gênero. São inúmeros os casos noticiados no país de repressão, violência, discriminação e censura, justificados na ‘luta’ contra a ‘ideologia de gênero’, alguns respaldados pelas recorrentes falas do governo federal. Tais casos nos levam a refletir sobre aquilo que pensávamos enquanto ‘discurso’ de uma classe conservadora, mas que, no entanto, é aplicado por pais/mães/responsáveis, professores/as/us, gestores/as/us e demais membros da comunidade escolar como uma pedagogia articulada na manutenção das constituições dos sujeitos masculinos e femininos que são ‘aceitáveis’. Assim, reflexões sobre a ideologia de gênero não podem permanecer em uma discussão rasa sobre sua existência ou não, visto que ela precisa ser compreendida enquanto uma prática em vigor e devem ser elaboradas propostas para o seu enfrentamento. Trata-se de uma pedagogia de gênero e da sexualidade que, como Guacira Lopes Louro (2013) propunha, produzirá marcas articuladas. Família, escola, mídia, igreja e lei participam dessa produção que reitera práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outros modos de existência. Desta forma, talvez devêssemos começar a pensar no enfrentamento desse tipo de política enquanto práticas pedagógicas presentes em diversos âmbitos da nossa sociedade, possibilitando, assim, que sejam criadas novas maneiras, abordagens e, até mesmo, táticas para tal enfrentamento. Consideramos que a oficina e demais ações que temos desenvolvido, como as exposições e o incentivo a pensar essas temáticas e as vivências pessoais a partir da elaboração dos kits-gay, são metodologias interessantes para o diálogo com a educação.

O campo da Antropologia e da Educação têm subsídios teóricos e metodológicos para lidar com a diversidade, especialmente a partir da inserção das Ciências Humanas em currículos escolares e em atividades pedagógicas, uma vez que escolas e espaços educativos proporcionam encontros diversos de interseccionalidade – classe, raça, gênero, sexualidade, etnia, idade. Assim, encarar os desafios da inclusão e da superação da violência contra a comunidade LGBTQIAP+, frente à ausência de iniciativas de gestores/as/us federais da Educação e aos constantes ataques por figuras de destaque e grupos institucionalizados, conservadores e reacionários, insere-se em um amplo programa que requer abordagens e metodologias que dialoguem com as referências culturais compartilhadas por essa cultura, como o tal do kit-gay. Entre (re)significações sobre ser LGBTQIAP+ na escola e demais espaços educacionais, nos posicionamos no incômodo, mas necessário lugar de escrever para provocar novos olhares. Ensaaiando respostas – ou quase isso – para um contexto político incerto, em que mais do que nunca pessoas LGBTQIAP+ precisam ter suas vivências reconhecidas.

As questões que aparecem nos kits-gay transpassam o espaço educacional. Falam de um processo pedagógico que se dá na interação com as diferentes nuances das vidas dos/as/es



presentes naquele dia. Ao falar dos processos de construção do conceito de ideologia de gênero e, conseqüentemente, da sua identificação e embate no cotidiano escolar, estamos falando de um processo de articulação entre diferentes atores sociais, sejam estes contrários ou a favor da diversidade sexual.

Referências

- A IDEOLOGIA de gênero é um câncer para as crianças. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal MBL – Movimento Brasil Livre. Disponível em: <https://bit.ly/3yY4duw>. Acesso em: 27 dez. 2021.
- ALFONSO, L. P. Entrevista. *PLURALISTAS – Revista Discente do PPGICH-UNISA*, São Paulo, v. 1, n. 6, p. 90-103, 2021.
- BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. (org.). *Dossiê: assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019*. São Paulo: Expressão Popular; ANTRA; IBTE, 2020.
- BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão nº 26*. Exposição e sujeição dos homossexuais, transgêneros e demais integrantes da comunidade LGBTI+ a graves ofensas aos seus direitos fundamentais em decorrência de superação irrazoável do lapso temporal necessário à implementação dos mandamentos constitucionais de criminalização instituídos pelo texto constitucional. Relator: Min. Celso de Mello, 13 de junho de 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3zoct8L>. Acesso em: 27 dez. 2021.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAETANO, M. R. V.; GOULART, T. E. S.; SILVA, M. S. Ensaio sobre a heteronormatividade: modos curriculares de aprendizagem das sexualidades e do gênero. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 11, n. 2, p. 634-655, 2016.
- DIAS, R. B. et al. O curso de extensão “Reflexões sobre a comunidade LGBTQIA+: diferentes narrativas e histórias entre casa, escola, trabalho e cotidiano”. In: CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA, 7., 2020, Pelotas. *Anais* [...]. Pelotas: UFPel, 2020. p. 330-333.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. Etnografia: saberes e práticas. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 9, n. 21, p. 1-23, 2008. É #FAKE que Haddad criou ‘kit gay’ para crianças de seis anos. *GI*, São Paulo, 16 out. 2018. Disponível em: <http://glo.bo/2J3KwqZ>. Acesso em: 22 dez. 2019.
- EUZÉBIO, F. A. et al. Kit-gay: “beijo para as homofóbicas”. In: CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA, 6., 2019, Pelotas. *Anais* [...]. Pelotas: UFPel, 2019. p. 42-45.
- FERREIRA, M. P. Currículo, gênero e sexualidade: questões indispensáveis à formação docente. *Margens – Revista Interdisciplinar*, Abaetetuba, v. 9, n. 12, p. 37-56, 2015.



- FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- FURLANI, J. *O bicho vai pegar! – um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- GAROIAN, C. R. *Performing pedagogy: toward an art of politics*. New York: State University of New York Press, 1999.
- GIUMBELLI, E. Para além do “trabalho de campo”: reflexões supostamente malinowskianas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 48, p. 91-107, 2002.
- ICLE, G.; BONATTO, M. T. Por uma pedagogia performativa: a escola como entrelugar para professores-performers e estudantes-performers. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 37, n. 101, p. 7-28, 2017.
- LONGHINI, G. D. N.; SILVA, K. Banheiros como tecnologia de gênero: (des)construções materiais e simbólicas. In: GROSSI, M. P.; FERNANDES, F. B. M. (org.). *A força da “situação” de campo: ensaios sobre antropologia e teoria queer*. Florianópolis: Edufsc, 2018. p. 279-304.
- LOURO, G. L. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.
- LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.
- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 7-34.
- PADRE explica o que é a ideologia de gênero. *Canção Nova*, Cachoeira Paulista, 23 jun. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3aQTIXk>. Acesso em: 29 dez. 2019.
- PEIRANO, M. O paradoxo dos documentos de identidade: relato de uma experiência nos Estados Unidos. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 53-80, 2009.
- PINEAU, E. L. Teaching is performance: reconceptualizing a problematic metaphor. In: ALEXANDER, B. K.; ANDERSON, G. L.; GALLEGOS, B. P. (org.). *Performance theories in education: power, pedagogy and the politics of identity*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005. p. 15-39.
- PINEAU, E. L. Nos cruzamentos entre a performance e a pedagogia: uma revisão prospectiva. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 89-113, 2010.
- PINEAU, E. L. Pedagogia crítico-performativa: encarnando a política da educação libertadora. In: PEREIRA, M. A. (org.). *Performance e educação: (des)territorializações pedagógicas*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 37-58.



REIS, T.; EGGERT, E. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, 2017.

SIQUEIRA, G. P. *et al.* A virtualização do trabalho sexual: o universo do camming e a pandemia da covid-19. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 30., 2021, Pelotas. *Anais [...]*. Pelotas: UFPel, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3ois2s1>. Acesso em: 31 dez. 2021.

STUCKY, N.; WIMMER, C. *Teaching performance studies*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2002.

